

VITOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA — **A Estrutura do Romance**. Coimbra, Livraria Almedina, 1974, 132 pp.

O A. destacando e ampliando o capítulo que dedicou ao estudo do romance em seu livro, *Teoria da Literatura*, transforma-o num volume mais completo e igualmente de maior profundidade, na abordagem dessa forma narrativa, de crescente interesse nos últimos dois séculos. Aspectos como a evolução do romance, a problemática da personagem, do tempo, do foco narrativo, do espaço, da tipologia, da distinção dessa forma com o conto e a novela, constituem os mais significativos da presente obra.

Percebe-se que o A. preocupa-se com a definição do romance ao nível de uma crítica tradicional mas atualiza-se no dimensionamento de uma abordagem formalista e estruturalista, daí as constantes referências a Gerard Genette, a Roland Barthes, a Greimas, a Júlia Kristeva dentre outros, a fundamentarem muitas das idéias do autor do presente trabalho.

Depreende-se também facilmente da leitura (e releitura) deste *A Estrutura do Romance* a extensividade e a intensividade na reflexão em torno de alguns teóricos mais consagrados no campo da Literatura bem como o conhecimento dos mais representativos romances e romancistas do mundo ocidental. Aparecem referências a Joyce, a Camus, a Kafka, a Cervantes, e na área de Literatura de língua portuguesa, comparecem Machado de Assis, Eça de Queirós, Vergílio Ferreira, Augusto Abelaira, Fernando Namora, Cardoso Pires, Carlos de Oliveira, dentre outros.

No estudo do tema, V.M. de A. e S. inicia pelo processo evolutivo do romance, desde o seu nascimento até o alargamento de suas possibilidades no mundo ocidental, assinalando o crescente interesse e perspectivas que essa forma narrativa vem adquirindo desde a segunda metade do século passado até os dias de hoje.

O livro se interessa pelos aspectos constituintes do romance, personagem, foco narrativo, tempo, espaço, tipologia e ação. O A. parte de uma análise exaustiva da problemática das personagens, desde o romance (e a novela romântica), até atingir

o de dimensão psicológica, arrolando figuras de autores, como o Abade Prévost, Lamartine, Stendhal, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, dentre outros, para estabelecer o caráter extradiegético e intradiegético das personagens ou situando-as no plano narrador e narratário. A propósito do assunto, lembra a certa altura o A.:

“Entre as personagens de um romance, há duas que se particularizam pela função específica que desempenham no processo narrativo: o “narrador” e o “narratário.”

O narrador constitui a instância produtora do discurso narrativo, não devendo ser confundido, na sua natureza e na sua função, com o autor, pois o narrador é uma criatura fictícia como qualquer outra personagem.” (p. 27)

Pode-se verificar que em *A Estrutura do Romance* o A. está bem informado acerca da crítica impressionista em torno do romance (de Albert Thibaudeti, de Nelly Cormeau, de Massaud Moisés, por exemplo) mas da mesma forma da crítica formalista e estruturalista (de um Gerard Genette, de um Roland Barthes, de um Greimas ou de uma Júlia Kristeva, por exemplo), mantendo-se em perfeito equilíbrio entre ambas tendências, aproveitando delas o que de melhor oferecem para a abertura da obra literária e sua interpretação. Ainda, o A. repassa a dimensão do romance em suas várias e sucessivas fases: romântico, realista, psicológico, até chegar às fronteiras do romance do absurdo e do novo romance.

Nesta linha de idéias, figuras das mais expressivas dentro da Literatura Portuguesa, Brasileira, Francesa, Inglesa, Russa e outras surgem como exemplificação e dentre eles; Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Machado de Assis, Lamartine, Stendhal, Proust, Joyce, Kafka, Dostoievski, para citar alguns em ordem nada hierárquica como se está a ver.

Quer dizer, o A. acompanha a evolução do romance no mundo ocidental numa linha que vai desde a preocupação com os valores sentimentais, morais, psicológicos, existenciais até chegar ao novo romance e ao romance do absurdo. No caso do novo romance, é claro o A. não se esquece de fazer referências a Alain Robbe-Grillet, a Michel Butor e a Nathalie Sarraute.

Com tudo isso ressalta-se facilmente a reflexão exaustiva e em profundidade que o A. revela, não só da teoria do romance e por extensão da teoria da literatura, mas dos mais representativos exemplares na literatura ocidental e apesar da erudição, é com simplicidade e humildade (características básicas de todo intelectual sério) que o A. marca este novo livro, numa carreira

literária segura e constante, como nos atestam seus trabalhos anteriores, a *Teoria da Literatura* em especial e seu trabalho sobre o Classicismo.

Obra que me parece básica para o estudo da teoria do romance, solicitando urgente leitura esta que ora nos apresenta V.M. de A. e S.

JOÃO DÉCIO